

**A Importância da Indústria para o desenvolvimento de Ijuí, RS: situação atual, especialização e proposta de ações****The Importance of Industry for the development of Ijuí, RS: current situation, specialization and proposal of actions**

DOI:10.34117/bjdv5n10-094

Recebimento dos originais: 10/09/2019

Aceitação para publicação: 08/10/2019

**José Valdemir Muenchen**

Professor, Mestre em Economia Aplicada – ESALQ/USP, Doutorando em Desenvolvimento Regional - UNIJUÍ, bolsista PROSUC/CAPES.

Endereço: Rua João Jacó Strapazzon, 46, Morada do Sol – 98700-000 Ijuí, (RS)

E-mail: josevaldemirmuenchen@hotmail.com

**Jesildo Moura De Lima**

Administrador, Mestre em Desenvolvimento Regional - UNIJUÍ, Doutorando em Desenvolvimento Regional - UNIJUÍ, Bolsista PROSUC/CAPES.

Endereço: Endereço: Avenida Uruguai, 83, centro, Três de Maio/RS. CEP 98.910-000

E-mail: jesildo.lima@gmail.com

**Patrícia Kischner**

Economista pela UFSM, Mestranda em Desenvolvimento Regional – UNIJUI, Bolsista PROSUC/CAPES.

Endereço: Rua Guilherme Timm, 611, Apto 23, Morada do Sol - 98700-000 Ijuí (RS)

E-mail: patriciakischner@hotmail.com

**David Basso**

Orientador, Doutor em Ciências Sociais Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) Instituição: Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUI)

Endereço: Rua 15 de Novembro, 559, Apto 21, Centro - 98700-000 Ijuí (RS)

E-mail: davidbasso@unijui.edu.br

**RESUMO**

O objetivo deste trabalho é discutir aspectos relativos a evolução do processo de desenvolvimento da indústria local. Pretende-se a partir de uma proposta metodológica para o estudo da dinâmica de desenvolvimento local, identificar e analisar os principais condicionantes que moldaram e configuraram o quadro vigente, identificando períodos de expansão e de crise na dinâmica industrial e sugerir algumas linhas de ação com vistas a desenvolvimento do setor industrial no município de Ijuí, RS. Os resultados apontam que do ponto de vista histórico podem ser identificados quatro períodos distintos na evolução da dinâmica industrial do município e que permitem explicar e entender a situação atual. Com a utilização dos Quocientes Locacionais (QL) é possível identificar setores industriais que desenvolvem atividades propulsivas no qual encontramos empresas que atuam no mercado nacional e internacional. Aqui estão incluídos, um pequeno número de empresas que tem grande capacidade de investimentos em gestão, em infraestrutura, em inovação e tecnologia, em pesquisa, em formação e treinamento, se constituindo em empreendimentos tipicamente capitalistas e com capacidade de reprodução ampliada. De outra parte, os QL permitiram também identificar um conjunto de empresas que desenvolvem atividades reflexas e que atuam no mercado local e regional.

Têm baixa capacidade de investimento em pesquisa, formação e treinamento e em gestão e, são empresas que do ponto de vista tecnológico, estão defasadas e não adotam o planejamento estratégico como referência de gestão e de processo de tomada de decisão.

**Palavras-Chave:** Desenvolvimento, Indústria, Ijuí

## **ABSTRACT**

The objective of this article is to discuss aspects related to the evolution of the development process of the local industry. The aim is to identify and analyze the main determinants that shaped and configured the current framework, identifying periods of expansion and crisis in the industrial dynamics and suggest some lines of action with a view development of the industrial sector in the municipality of Ijuí, RS. The results indicate that from the historical point of view four distinct periods can be identified in the evolution of the industrial dynamics of the municipality and that allow to explain and to understand the current situation. With the use of Locational Quotients (QL) it is possible to identify industrial sectors that develop propulsive activities in which we find companies that operate in the national and international market. Included here are a small number of companies that have a large capacity for investments in management, infrastructure, innovation and technology, research, training and training, and are typically capitalist enterprises with broader reproductive capacity. On the other hand, QLs also allowed identifying a set of companies that perform reflexive activities and that act in the local and regional market. They have low investment capacity in research, training and management, and are companies that, from the technological point of view, are out of date and do not adopt strategic planning as a management reference and decision-making process.

**Keywords:** Development, Industry, Ijuí

## **1. INTRODUÇÃO**

Pelo senso comum, o processo de crescimento e desenvolvimento do setor industrial se sustenta pela constante geração e incorporação de inovações, tendo por consequência uma acelerada obsolescência de fatores de produção, de processos e de produtos. As estratégias de crescimento tendem a fundar-se no preceito da inserção internacional, que fica condicionada aos padrões de competitividade, tendo como modelo a cópia ou imitação das melhores experiências. Daí deriva a concepção de que só existe espaço no mercado para os mais eficientes e mais eficiente significa se aproximar do melhor.

Mesmo que se aceite o processo de internacionalização da economia e o fato de que não se pode analisar uma região isolada do contexto global, é incontestável que a realidade dos setores produtivos locais é complexa e heterogênea. Ao se avaliar propostas de intervenção sobre tal realidade, portanto, deve-se ter presente esta diversidade e diferenciação. As propostas relacionadas aos processos de produção, aos padrões tecnológicos e organizacionais não podem, por consequência, pautar-se em referências que tendam à homogeneização como caminho único para todos.

Dado o tipo e a natureza da inserção da economia regional na dinâmica global, as alternativas de desenvolvimento devem ter como ponto de partida as possibilidades oportunizadas pelas condições locais. Qualquer proposta de intervenção pode tomar como ponto de partida a dinâmica e as

perspectivas da indústria local e avaliar as condições e as possibilidades de seu desenvolvimento, para em seguida subsidiar os agentes que têm algum tipo de responsabilidade na definição e implementação de ações de intervenção no desenvolvimento.

O objetivo deste trabalho é discutir aspectos relativos a evolução do processo de desenvolvimento da indústria local. Assim, pretende-se a partir de uma proposta metodológica para o estudo da dinâmica de desenvolvimento local, identificar e analisar os principais condicionantes que moldaram e configuraram o quadro vigente no momento, identificando períodos de expansão e de crise na dinâmica industrial do município de Ijuí, RS.

O pressuposto metodológico do trabalho considera que é necessário conhecer os condicionantes históricos de determinada sociedade que, de um lado, explicam a situação atual e, de outro, orientam o comportamento futuro. Considera-se que os problemas locais apresentam características e especificidades que requerem a construção de um diagnóstico e o encaminhamento de soluções específicas, buscadas e construídas no interior da realidade local, sem desconsiderar os condicionantes da conjuntura mais geral.

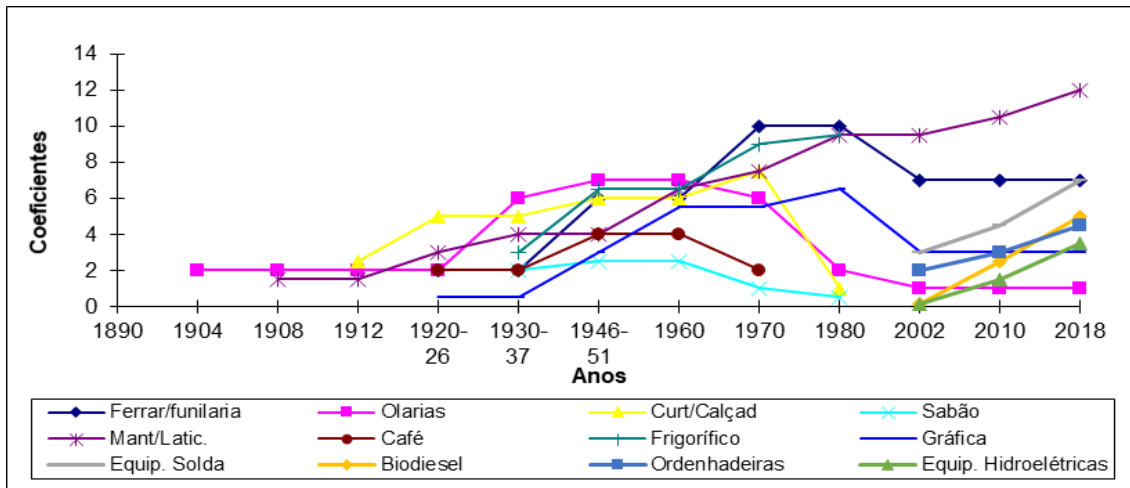
A adoção da metodologia implica no conhecimento dos condicionantes da evolução histórica, que pode ser conhecida e entendida a partir da sistematização de informações qualitativas e quantitativas obtidas com os próprios agentes que participaram do processo. Partiu-se da compreensão de que a região e o próprio país situam-se numa posição marginal na dinâmica global de desenvolvimento e de que os setores produtivos locais são complexos, heterogêneos e têm a sua dinâmica fortemente influenciada por fatores locais.

## **2. A dinâmica industrial no município de Ijuí, RS**

A análise dos condicionantes históricos relativos à evolução da indústria no município de Ijuí, RS, considera, como ponto de partida, o seu processo de colonização e, tomando por referência aspectos associados a evolução da renda gerada, ao número de empresas, ao número de empregos, ao capital produtivo e ao grau de irradiação do dinamismo de cada setor, bem como dos fatores técnicos, econômicos, políticos e sociais que influenciaram, de forma positiva ou negativa, o desenvolvimento de cada setor, pode-se demonstrar a evolução histórica de alguns dos setores industriais presentes na economia do Município. Estas variáveis foram transformadas em coeficientes para os diversos setores. Estes coeficientes deram origem ao gráfico 1 que sistematiza e demonstra esta evolução.

É importante destacar a presença de muitos outros setores industriais no município e que também apresentam sua evolução e suas características particulares. No entanto entendemos que para uma caracterização geral o gráfico abaixo permite explicar e entender a evolução industrial em Ijuí, RS.

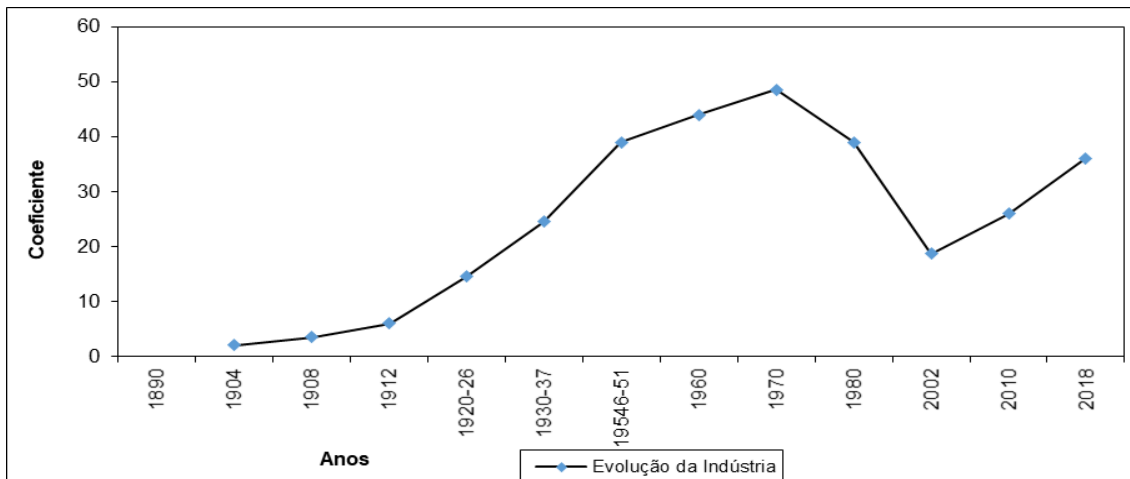
Gráfico 1 - Evolução de setores industriais no município de Ijuí/RS



Fonte: Adaptado e atualizado de Muenchen e Castoldi (2004)

Para melhor visualização dos possíveis períodos de progresso e/ou crises, os coeficientes de cada setor foram trabalhados de tal forma que caracterizam uma evolução conjunta de todos os segmentos industriais. Este procedimento permitiu a construção de uma linha de evolução e de desenvolvimento industrial local, obtida a partir dos coeficientes médios para todos os setores identificados, de tal forma que foi possível reconhecer diferentes fases de progresso e/ou de crise. A dinâmica da indústria local neste período pode ser visualizada no gráfico 2.

Gráfico 2 - Evolução da indústria no município de Ijuí/RS



Fonte: Adaptado e atualizado de Muenchen e Castoldi (2004)

A análise dos gráficos 1 e 2, e o conhecimento e a explicação de fenômenos ocorridos, permitem identificar a dinâmica da evolução da indústria local. Percebe-se a existência de quatro períodos distintos de desenvolvimento industrial do município de Ijuí. O primeiro período, da criação da Colônia até o ano de 1912, um segundo compreendido entre os anos de 1912 até o final dos anos 60,

um terceiro período que se inicia em torno de 1970 e vai até o início dos anos 2000 e o último com início no ano 2000 e vai até os dias atuais.

O primeiro período pode ser caracterizado como sendo o de implantação da Colônia de Ijuí, iniciado em 1890, marcado pela chegada de descendentes de imigrantes de diversas nacionalidades, principalmente europeus oriundos do meio rural ou então pessoas urbanizadas e com certo conhecimento de práticas e de técnicas industriais.

Observa-se que a produção industrial se desenvolve a partir das condições locais e para atender a uma demanda também local a partir das necessidades advindas do processo de colonização e com a utilização de matéria-prima e meios de produção locais. A agricultura passa a ser a principal fonte de matérias-primas, enquanto que a indústria incipiente fornece, em contrapartida, os instrumentos e os equipamentos de trabalho para o setor agrícola. O nível tecnológico da indústria local, nesse período, refletiu as habilidades e os conhecimentos que os imigrantes colonizadores trouxeram de suas práticas em contextos anteriores que adaptaram à realidade local como forma de viabilizar os seus processos de produção. A produção obtida visava atender basicamente ao mercado local, dadas as dificuldades de locomoção e de comunicação com outros centros regionais. Verifica-se um processo que pode ser caracterizado como de reprodução simples, porém com algum excedente capaz de atender às necessidades de reinvestimentos na atividade produtiva.

O segundo período vai de 1912 até final dos anos 60, apresenta como característica básica, um significativo crescimento nos setores estudados. A produção industrial torna-se mais diversificada, fazendo frente a uma demanda não apenas local, mas regional e nacional. Mais para o final do período, contudo, percebe-se que alguns setores perdem dinamismo, o que faz com que ocorra uma certa estagnação como reflexo da crise que setores como as olarias e o café começaram a enfrentar.

A expansão da dinâmica produtiva da indústria local, aliada às condições naturais presentes no município, fizeram com que as autoridades locais se empenhassem em dotar o município com pelo menos dois insumos básicos e determinantes para o desenvolvimento econômico: a) o sistema de transporte, cujo aspecto mais importante foi a extensão da rede ferroviária (ramal Cruz Alta – Santa Rosa), que possibilitou a exportação dos excedentes, bem como a importação de novas matérias-primas e; b) a busca da solução energética (Usina da Sede, 1922, e a do Passo do Ajuricaba, 1959) para atender às demandas por este tipo de insumo básico para o desenvolvimento das atividades industriais existentes, bem como atender à demanda potencial com a atração do novos ramos vindos de outras regiões a fim de atender a um mercado então emergente nesta região.

Para melhor entender os fenômenos aqui abordados, dividimos este período em duas fases: a primeira, que abrange a criação do município (1912) até o final da década de 40 e a segunda fase, que vai do início da década de 50 até o final dos anos 60.

A primeira fase caracteriza-se como um período de crescimento e de prosperidade para a indústria local. Nesta fase verifica-se a participação efetiva e constante do poder público municipal que desenvolve significativos esforços para disponibilizar a energia elétrica enquanto insumo básico para a atividade industrial, ao mesmo tempo em que, a partir de outros níveis de governo, há a extensão da estrada de ferro e a ligação rodoviária de Ijuí a outros centros, possibilitando o escoamento do excedente de produção do município.

Estes fatos possibilitaram a abertura da economia local para o mercado regional mais amplo (estadual e nacional). Isto significa que os meios de produção e parte significativa das matérias-primas passaram a ser importadas de outras regiões. Por outro lado, em função da existência de um comércio atacadista forte e bem estruturado, a produção local passa a atingir novos e mais amplos mercados consumidores (estadual e nacional). A abertura regional, tanto em termos de mercado consumidor como de fornecedor de matérias-primas, produziu, como consequência, uma concentração local no que se refere ao número de empresas e de empregados. Esta concentração proporcionou, em termos da dinâmica econômica, um crescimento na geração do emprego e da renda bem como uma irradiação do dinamismo para o desenvolvimento do município.

Nessa fase ocorre um aprimoramento das técnicas já existentes, principalmente em decorrência da importação de máquinas e equipamentos, bem como de profissionais por parte dos empresários locais<sup>1</sup>, o que permitiu uma evolução significativa no nível tecnológico utilizado nos diferentes processos de produção. Juntamente com a utilização mais intensa do fator de produção capital, este processo teve, como consequência, uma elevação na produção de excedentes exportáveis e uma reprodução ampliada em termos de acumulação. O início desta fase caracteriza-se basicamente pela criação do município, pela melhoria das condições de transporte, principalmente pela inauguração, em 1912, do ramal da rede ferroviária no trecho entre Cruz Alta e Ijuí, bem como pela implantação da primeira usina de energia elétrica, sendo um dos primeiros municípios da região a contar com tal insumo. Estes fatores de certa forma impulsionaram o desenvolvimento industrial do município, que se intensifica até por volta de 1946-51.

Já a segunda fase desse período, do início da década de 50 até o final dos anos 60, tem como característica básica o enfrentamento da concorrência de produtos industriais do centro do país como consequência do processo de industrialização e de internacionalização do capital, ou seja, os efeitos da abertura da economia ao capital transnacional começam a se fazer sentir também nesta região. Por

---

<sup>1</sup> Tendo em vista que o processo de colonização tem estreita relação com os imigrantes europeus vindos principalmente da Alemanha e da Itália, alguns empresários ao mesmo tempo em que importaram máquinas e equipamentos necessários nos processos produtivos, também incentivaram a vinda do exterior de técnicos, principalmente de engenheiros para qualificar as atividades desenvolvidas pela indústria local.

outro lado, ao contrário da fase anterior, verifica-se o afastamento gradativo (e, porque não dizer, a ausência) do poder público como alavancador do processo de desenvolvimento industrial local, apesar da conclusão da nova usina de produção de energia elétrica em 1959, gerenciada pelo setor público. Agrega-se ainda o aprimoramento dos meios de transporte, principalmente com a abertura de novas estradas, e dos meios de comunicação, que submetem as empresas locais à competitividade de produtos provenientes de outras regiões. Contribuíram também para esta nova realidade o desenvolvimento de novas e modernas tecnologias e a maior abertura dos mercados, o que, por sua vez, aumentou as dificuldades para a permanência de empresas locais no processo de produção.

É importante observar que nessa fase algumas empresas locais ainda conseguem produzir algum excedente capaz de impulsionar o seu desenvolvimento, porém boa parte delas passa a sentir dificuldades para a sua continuidade no processo de produção. Como se pode observar no gráfico 1, verifica-se a decadência e o fechamento de algumas firmas de setores tradicionais (café, sabão, curtume, calçados), enquanto que outras ainda demonstram um razoável crescimento, na medida em que se adaptam à nova realidade econômica do país (manteiga/laticínios, frigorífico, gráfico). Esta nova realidade determina a necessidade da produção em escalas crescentes, bem como a oferta de produtos competitivos. Nessa segunda fase boa parte das empresas em crescimento ofertam produtos que, de certa forma, estão associados com o oferecimento de incentivos e subsídios por parte do Estado (laticínios, maquinaria agrícola), ou então associados com o sistema cooperativo que incentiva a produção do setor agrícola.

De forma geral, no final dessa fase ainda é possível verificar um tênue crescimento nas atividades industriais do município em seu conjunto, porém de uma forma menos intensa do que o observado na fase anterior. Por outro lado, surgem indícios de crise no setor industrial, pois algumas empresas reduzem o seu nível de atividade e outras desaparecem do mercado, motivadas pela falta de competitividade, considerando o novo padrão tecnológico e a concorrência com novos produtos. Em outros termos, significa dizer que o aumento da concorrência, da competitividade e o uso de materiais alternativos (vidros e plásticos, dentre outros) fizeram com que a indústria local não tivesse condições de acompanhar a nova dinâmica e o padrão de acumulação e, a partir daí, reduzem-se o seu nível de atividade e a sua importância no contexto do desenvolvimento local.

O terceiro período da indústria local, de acordo com os gráficos 1 e 2, inicia-se em torno de 1970 e prossegue até o início dos anos 2000, apresentando como característica básica o declínio na evolução de alguns setores e o desaparecimento de outros. Verifica-se igualmente que no final do período ocorre uma tendência generalizada e acentuada de declínio, afetando o conjunto da economia local. Esse período caracteriza-se por um franco e persistente declínio na atividade industrial do município. De acordo com os depoimentos dos entrevistados, um número significativo de firmas

reduz suas atividades, assim como algumas encerram sua produção motivadas pela perda de mercado de seus produtos e a falta de perspectivas para iniciar outra atividade.

As características básicas do período refletem um relativo atraso tecnológico, a falta de compreensão mercadológica do empresariado local, aliado à descontinuidade administrativa nas firmas locais. Por outro lado, verifica-se também nesse período, a exemplo da segunda fase do período anterior, a ausência de incentivos e apoio por parte do poder público local e a restrição de incentivos às atividades agrícolas. Estas restrições de incentivos, principalmente para a agricultura, como a redução do volume de crédito e o aumento na taxa de juros, produzem como decorrência a intensificação da crise da agricultura regional, o que repercute negativamente na indústria local. Por outro lado, aumenta a concorrência das firmas locais com empresas de outros centros, principalmente em decorrência das melhorias ocorridas nos meios de comunicações e de transportes. Verifica-se também que as empresas locais não estão estruturadas para suportar a concorrência, uma vez que os seus produtos muitas vezes não se apresentam competitivos neste mercado ampliado.

Todo este processo, enquanto elimina um grande número de firmas, também abre a possibilidade do surgimento de novos ramos. As firmas do tipo “fundo de quintal”, a exemplo do ramo de confecções e de inúmeras serralherias, dentre outros, parecem não se constituir em alternativas capazes de alavancar o processo de desenvolvimento, pois em boa parte são fruto da crise do trabalho que se instalou na economia brasileira e local nas décadas anteriores. Por outro lado, alguns ramos emergentes podem vir a se constituir em alternativas importantes, na medida em que atuam em ramos nobres (dentre outros, borracha, plásticos, peças).

A quarta fase do desenvolvimento industrial de Ijuí começa no início dos anos 2000 e que se estende até os dias atuais e tem três características centrais e que moldam a situação atual da dinâmica industrial no município de Ijuí, RS: a) a manutenção de uma tendência já observada no período anterior de estagnação de segmentos industriais, que apesar de serem importantes para a economia local, são “menos expressivos” em termos de geração de renda e de emprego. É o caso de inúmeras firmas dos setores de confecções, esquadrias, móveis, gráficos, dentre outros e, que atuam basicamente no mercado local, tendo em vista a sua baixa capacidade de reprodução; b) a consolidação e expansão de segmentos industriais com características nítidas de empresas capitalistas, com capacidade de inovação e de reprodução ampliada. Atuam no mercado nacional e internacional com grande potencial de exportar seus excedentes, seja para outras regiões do País bem como para o mercado internacional. É o caso de firmas do segmento da indústria da alimentação notadamente da indústria de laticínios (queijos e ordenhadeiras) mas também da farinha, cereais e balas, bem como outros segmentos industriais como o biodiesel, os equipamentos



de solda e os equipamentos hidroelétricas e; c) a participação do setor público local com a implantação dos distritos industriais.

A consolidação e expansão das firmas capitalistas permite alavancar o desenvolvimento do setor expandindo o emprego e a renda local e compensando a estagnação dos setores “menos expressivos”. No entanto há de se considerar que, apesar da implantação de distritos industriais, constituídos em meros “espaços físicos”, da mesma forma que no período anterior, o setor público aparentemente continua ausente, seja pela falta de políticas claras em relação ao desenvolvimento industrial, seja pela sua incapacidade orçamentária para a definição e implantação de tais políticas.

O estudo da evolução da indústria de Ijuí-RS demonstra que existe uma clara ligação do seu processo de industrialização, que se inicia com a formação da colônia e a instalação das olarias e das serrarias, e o universo da agropecuária, com a transformação das matérias-primas em produtos industrializados, como os derivados do leite e da soja. Por outro lado, esta ligação é reforçada pela indústria de ferramentas e utensílios, mesmo que rudimentares, utilizados pelos agricultores locais (WEBER, 1987).

Observa-se também uma certa semelhança entre o processo de desenvolvimento industrial local e os processos mais gerais. De acordo com Castro (1980, p.87), considerando as origens das atividades industriais no Brasil, “percebe-se que estas se encontravam amplamente disseminadas pelas porções ocupadas do território nacional”, e se caracterizavam como um prolongamento das atividades agrícolas. Aos poucos, porém, acumulou condições propícias ao surgimento de um novo gênero de indústria que, apesar de apresentar uma forte relação com a agricultura, passou por uma transformação muito mais intensa dos bens primários.

É importante lembrar, contudo, que a simples existência desses laços não implica necessariamente uma correlação de dependência entre a indústria local e o setor agropecuário, pois desde o início da industrialização local já existia um mercado consumidor de amplitude regional e nacional, embora de forma atomizada e fracionada que se aproveitava das barreiras à entrada motivadas pelas dificuldades de transporte.

### **3. DINÂMICA ATUAL E ESPECIALIZAÇÃO DA INDÚSTRIA DE IJUÍ, RS**

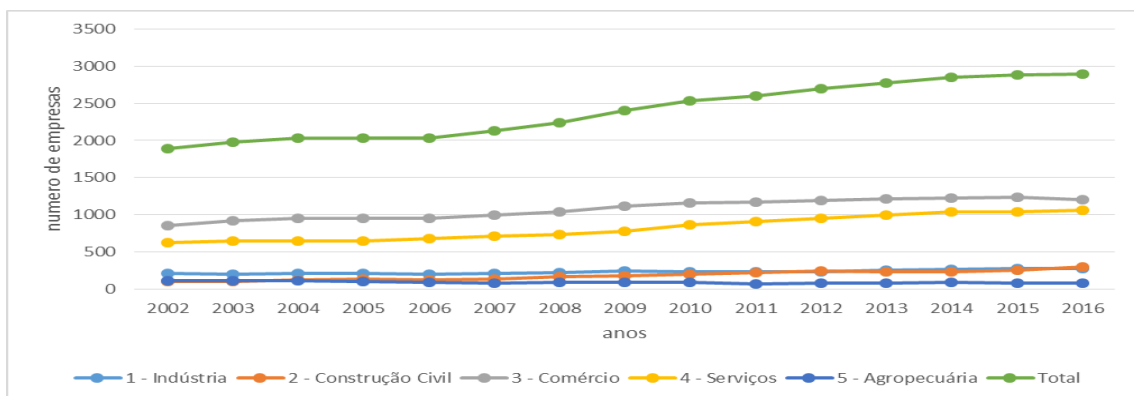
Entender e compreender a dinâmica atual do processo de desenvolvimento industrial local pressupõe, que a dinâmica de desenvolvimento ocorre de forma diferenciada e, portanto, qualquer proposta de intervenção deve ser pensada levando-se em conta esta diferenciação. A dinâmica de acumulação e a capacidade de reprodução permitem identificar os diferentes tipos, em cada segmento da indústria, com algumas características comuns e a definição de ações ao conjunto de firmas de natureza semelhantes.

Assim, de acordo com BASSO et al (2000) e considerando a situação atual temos a seguinte pré-tipologia para o setor industrial de Ijuí, RS, composto pelos seguintes segmentos: Setor Moveleiro; Setor de Esquadrias; Setor de confecções; Setor Gráfico; Setor Ervateiro; Setor de Serralheria; Setor de Artefatos de Cimento; Setor de Peças e Componentes; Setor de Calçados; Setor de Higiene e Limpeza; Setor de Medicamentos; Setor de Eletrônicos; Setor de Alimentos (Bebidas, Lanches, Padarias, Cereais, Balas, Laticínios, Moageiro); Setor de Equipamentos/Ordenhadeiras; Setor de Equipamentos/Soldas; Setor de Equipamentos/hidroelétricas; Setor de Biodiesel.

Como podemos observar a indústria de Ijuí é diversificada e diferenciada e o desafio é explicar as diferenças em termos de potencial de geração de emprego e renda necessários aos processos de desenvolvimento local. Esta diferenciação também é necessária para a definição de linhas estratégicas e de políticas de desenvolvimento.

Dados estatísticos recentes (durante o quarto período da evolução histórica) permitem analisar a importância do setor industrial para a economia do município. A análise da evolução do número de empresas industriais, comparativamente aos demais setores da economia no município de Ijuí, no período de 2002 a 2016, mostra que em termos absolutos não temos um crescimento significativo. De acordo com o gráfico 3, neste período, o número de empresas industriais cresceu de 201 para 271 com uma taxa de crescimento de 24,35%. Este crescimento é inferior ao crescimento observado nos serviços e do comércio.

Gráfico 3 – Evolução do número de empresas industriais em Ijuí – 2002 a 2016



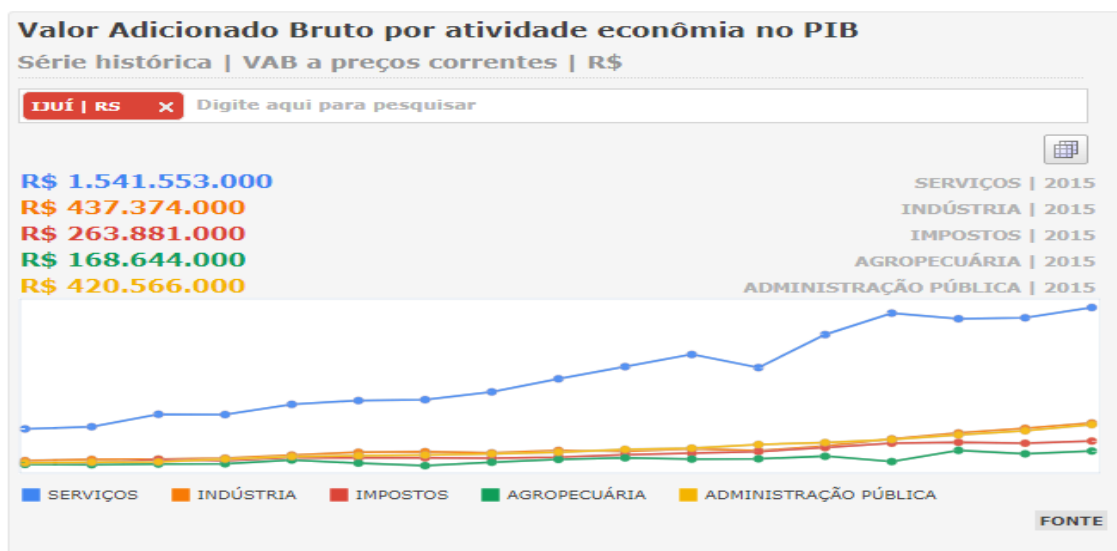
Fonte: MTE/RAIS e CAGED - <http://bi.mte.gov.br/scripts10/dardoweb.cgi>

Confrontando os dados da evolução do número de empresas com o número de empregos formais verificamos que foi na indústria de Ijuí que aconteceu a maior taxa de crescimento do emprego formal se comparada aos demais setores da economia. No período de 2002 a 2016 a taxa de crescimento na indústria de Ijuí foi de 88,62% somente superada pelos índices de crescimento da construção civil. Todos sabemos que neste período, alavancado principalmente pelo Programa Federal Minha Casa

Minha Vida, a construção civil experimentou índices de crescimento muito superiores à sua média histórica. Como a taxa de crescimento do emprego formal é maior que a taxa de crescimento do número de empresas podemos inferir um aumento do número médio de empregos formais por empresa, expandindo o emprego e a renda.

A análise do VAB – Valor Adicionado Bruto por setor demonstra que os serviços apresentam um valor significativamente superior aos demais setores. Dentre os demais, a Indústria apresenta um valor superior, no entanto, a sua evolução não se difere muito em relação aos demais setores que apresentam um VAB semelhante. O gráfico 4 permite visualizar tais evoluções no período de 2002 a 2015 para o município de Ijuí.

Gráfico 4 – Evolução do Valor Adicionado Bruto de Ijuí – 2002 a 2015



Fonte: <http://www.deepask.com/goes?page=Confira-o-VAB-da-industria-no-PIB-do-seu-municipio>

De acordo com estes dados temos que a participação da indústria no VAB total do município de Ijuí, durante este período, não apresentou uma evolução significativa e a sua participação se situa em torno de 15,00% do total do município. Por estes dados percebemos que o setor de serviços é o mais dinâmico do município.

A análise do processo de desenvolvimento da indústria de Ijuí pode ser amparada teoricamente nas abordagens propostas, dentre outros, por Bridier e Michailof (1987) e Sachs (1986), focadas particularmente em situações e alternativas para países ou regiões subdesenvolvidas. Analisar a contribuição da indústria no processo de desenvolvimento local, portanto, requer segundo Muenchen e Basso (2014) conhecer as particularidades dos empreendimentos locais, a dinâmica do seu processo produtivo, a natureza dos seus produtos e serviços, a sua dinâmica organizacional e as suas relações de interdependência internas e externas, particularmente aqueles envolvidos com a cadeia produtiva.

Em lugar de partir de modelos “prontos para uso”, para serem copiados ou imitados, Sachs propõe, seguindo seu mestre Michal Kalecki, a observação direta das realidades como procedimento para teorizar sobre situações típicas, procurando tirar destas realidades observadas prescrições de políticas públicas (Sachs, 2001, p. 271).

Segundo Basso, Silva Neto e Stoffel (2005, p. 164), é crescente o número de estudos que buscam entender e explicar as especificidades e a forma como o desenvolvimento ocorre nas diferentes regiões e localidades. Experiências localizadas de desenvolvimento, com destaque para o caso da “Terceira Itália”, tiveram o mérito de, por um lado, evidenciar que a análise do desenvolvimento, centrada unicamente no viés da dinâmica de acumulação capitalista, é insuficiente para apreender a complexidade e a diversidade das situações observadas em vários países ou regiões e, por outro, estimular pesquisadores de várias áreas do conhecimento à busca de fundamentação científica para explicar o processo de desenvolvimento como um fenômeno local ou regional. Segundo os autores, possuir um diagnóstico adequado das atividades produtivas, que permita identificar a capacidade de produção de Valor Agregado e de geração de emprego, o valor médio do investimento exigido para o estabelecimento e a capacidade de reprodução social, constituem-se um instrumento indispensável e poderoso para avaliar a contribuição de diferentes tipos de empresas no processo de desenvolvimento local.

Paiva (2017, p. 23) aponta que a delimitação da espacialidade relevante para o planejamento do desenvolvimento econômico territorial é função da espacialidade das atividades econômicas e que existe uma derivação associada à clivagem entre atividades reflexas e propulsivas, destacando que

“1) o crescimento do mercado interno regional é função precípua da expansão do valor das atividades propulsivas e função secundária da expansão do multiplicador; 2) que as atividades agropecuárias e extrativas, como regra geral, cumprem um papel na dinâmica territorial muito maior do que sua participação relativa no Valor Agregado Bruto (usualmente diminuta) permite entrever; 3) que as distintas atividades propulsivas básicas carregam distintos potenciais de encadeamento (vale dizer, de “alongamento” ou integração vertical) e diversificação no território, e que estes diferenciais devem ser levados em consideração no processo de planejamento do desenvolvimento local e regional”.

Para a identificação das atividades e sua territorialidade Paiva (2017, p. 24) diz que a resposta a esta questão é bastante simples “pois há um indicador de especialização que é particularmente eficiente na identificação e diferenciação de atividades voltadas ao mercado interno e ao mercado externo”. Refere-se, pois, ao uso do Quociente Locacional (QL) que nos informa “quão mais dedicada é um território qualquer a uma determinada atividade vis-a-vis o território maior que lhe serve de

referência econômica e cultural”. Em sua forma mais tradicional, “o QL é avaliado a partir do número de trabalhadores empregados nas distintas atividades econômicas”, e teremos:

$$QL = \frac{(\text{Emprego Ind A Reg R})}{(\text{Emprego Total Reg R})} / \frac{(\text{Emprego Ind A Estado E})}{(\text{emprego Total Estado E})}$$

Segundo o autor, a aplicação do QL aos diferentes segmentos industriais e seus respectivos espaços territoriais permite identificar de forma comparativa o nível de especialização de determinado segmento e as atividades propulsivas. A dificuldade maior na aplicação do método não está associada na identificação das atividades de exportação (propulsivas), mas na delimitação do território.

Para hierarquização das atividades propulsivas, Paiva (2017, p. 27) recomenda o uso de informações, tais como: - o potencial de mercado no curto, médio e longo para os produtos; - a sustentabilidade da competitividade do território no interior deste segmento produtivo, comparativamente novos concorrentes atuais e potenciais; e, - o potencial das distintas atividades de se “alongarem” no território e se desdobrarem em novos sistemas produtivos territoriais. Uma vez hierarquizadas as atividades propulsivas de maior capacidade de alavancagem do desenvolvimento no curto, médio e longo prazo o Autor propõe passar à identificação de seus gargalos e potencial inovativos.

O quadro 1 apresenta os Quocientes Locacionais médios para o período de 2011 a 2016 superiores a 1,0, dos segmentos mais especializados e dinâmicos do desenvolvimento industrial de Ijuí, RS

A análise dos demonstra uma média anual de emprego formal, no período de 2011 a 20016 de 3.242 pessoas, o que permite inferir sobre a importância do segmento industrial para a economia do Município.

Quadro 1 – Quociente Locacional para os segmentos industriais mais especializado no município de Ijuí, RS.

Segmentos Industriais - CNAE 2.0 Classe	Emprego Médio	QLRS
Fabricação de biocombustíveis, exceto álcool	107	19,17
Fabricação de desinfestantes domissanitários	24	16,28
Fabricação de laticínios	413	8,87
Moagem e fabricação de produtos de origem vegetal	54	6,71
Fabricação de equipamentos e aparelhos elétricos	104	6,47
Moagem de trigo e fabricação de derivados	123	4,78
Fabricação de artefatos para pesca e esporte	10	4,67
Fabricação de óleos vegetais em bruto, exceto óleo de milho	111	4,31
Fabricação de alimentos para animais	397	4,29
Metalurgia do alumínio e suas ligas	13	4,12
Fabricação de produtos derivados do cacau, de chocolates e confeitos	102	3,35
Fabricação de aparelhos e equipamentos para distribuição e controle de energia elétrica	76	3,35
Impressão de jornais, livros, revistas e outras publicações periódicas	20	3,32
Fabricação de brinquedos e jogos recreativos	7	3,12
Fabricação de artefatos de concreto, cimento, fibrocimento, gesso e materiais semelhantes	173	2,81
Fabricação de máquinas e equipamentos de uso	95	2,40
Fabricação de tanques, reservatórios metálicos e caldeiras para aquecimento central	14	1,99
Geração de energia elétrica	25	1,81
Fabricação de sorvetes e outros gelados comestíveis	20	1,74
Lapidação de gemas e fabricação de artefatos de ourivesaria e joalheria	38	1,62
Fabricação de máquinas e equipamentos para a agricultura e pecuária, exceto para irrigação	282	1,60
Fabricação de artefatos têxteis para uso doméstico	12	1,53
Construção de edifícios	503	1,22
Fabricação de artigos de metal para uso doméstico e pessoal	39	1,11
Fabricação de estruturas metálicas	51	1,09

Fonte: MTE/RAIS e CAGED - <http://bi.mte.gov.br/scripts10/dardoweb.cgi>

Os dados permitem ainda inferir sobre a existência de setores industriais dinâmicos e importantes para o desenvolvimento local, envolvendo atividades propulsivas e fundamentais para a geração de emprego e de renda, como é o caso do setor do Leite composto pela produção de queijos e de equipamentos como as ordenhadeiras, mas com relações a montante e a jusante fundamentais para as ações de desenvolvimento e a integração da economia regional. A montante faz a ligação com o setor agropecuário, com os produtores regionais e que demandam as suas matérias primas de um mercado que também é regional. A jusante temos a ligação com o mercado nacional e internacional. Além desta, destacam-se igualmente o setor de biodiesel e demais óleos vegetais, o setor da energia elétrica (geração de energia e equipamentos hidroelétricos), o setor de equipamentos e ferramentas (solda, peças e componentes), todas com elementos a jusante e montante semelhantes ao setor leiteiro e outros setores propulsivos como a produção de alimentos como a farinha, as balas e os cereais, dentre outros.

Por fim registra-se a existência de segmentos menos especializados que, apesar de atuarem praticamente apenas no mercado local, também constituem setores produtivos industriais importantes para a economia local. Desenvolvem atividades reflexas e determinam o ritmo de parcela significativa da dinâmica industrial local pelo volume de emprego e renda gerados. No entanto se apresentam frágeis diante dos segmentos mais dinâmicos e devem receber atenção especial com políticas voltadas

ao fortalecimento da sua atividade produtiva. Aqui estão incluídos os segmentos como as indústrias de confecções, de móveis, de esquadrias, dentre outras. Cada uma com suas relações auxiliares a montante e a jusante.

Os resultados do trabalho evidenciaram que todas empresas industriais têm um papel importante no processo de desenvolvimento local. Pelo nível de especialização das empresas representado pelos diferentes Quocientes Locacionais (QLs) podemos dividir o segmento industrial em dois grandes grupos de empresas.

### 3.1 EMPRESAS QUE ATUAM NO MERCADO NACIONAL E INTERNACIONAL

Aqui estão incluídos, um pequeno número de empresas que tem grande capacidade de investimentos em gestão, em infraestrutura, em inovação e tecnologia, em pesquisa, em formação e treinamento, se constituindo em empreendimentos tipicamente capitalistas e com capacidade de reprodução ampliada. Estas empresas adotam o planejamento estratégico como referência de gestão e do processo de tomada de decisão, não são concorrentes entre si e apresentam alto grau de competitividade no mercado em que atuam.

No mercado estas empresas, pelo poder que tem, determinam o preço e a produção. Têm atuação no mercado nacional e alguma inserção no mercado internacional, mas com potencial significativo de crescimento. Nestes mercados adotam estratégias claras de inserção, de competição e de crescimento, seja pela diferenciação da produção e dos preços ou então pela diversificação da produção.

Estas empresas têm facilidades no acesso à matéria prima principalmente em decorrência de acordos com os fornecedores, pela escala e pelos incentivos fiscais via programas públicos ao nível estadual e federal. Verifica-se baixa capacidade ociosa que aliada às inovações e aos avanços da pesquisa e de novas tecnologias lhes permite a produção de uma linha de produtos com alta qualidade, produtividade física e econômica dos fatores de produção.

Segundo Paiva (2017) estas empresas desenvolvem atividades propulsivas com alta capacidade de produzir excedentes e com impactos positivos sobre a geração de emprego e renda em toda a economia industrial do município.

### 3.2 EMPRESAS QUE ATUAM NO MERCADO LOCAL E REGIONAL

Incluem-se neste grupo de empresas industriais, todos os demais segmentos do município que apresentam capacidade limitada de investimentos em infraestrutura, em inovação e tecnologia. Além disso, tem baixa capacidade de investimento em pesquisa, formação e treinamento e em gestão e, são

empresas que do ponto de vista tecnológico, estão defasadas e não adotam o planejamento estratégico como referência de gestão e de processo de tomada de decisão.

Como características pode-se perceber que tem atuação basicamente no mercado local e apenas algumas tem inserção e atuam no mercado regional. Como relação à inserção no mercado estas empresas têm muitas dificuldades de definir estratégias, principalmente pela ausência de um planejamento estratégico e pelas dificuldades operacionais de acesso aos incentivos da política pública, notadamente ao acesso regular de linhas de financiamento da produção e dos consumidores de seus produtos. Pelo nível de competição e de concorrências entre as empresas do mesmo segmento não se verificam ações de cooperação e de integração. Chama atenção o fato de que algumas ações de cooperação, como por exemplo, a compra de matérias primas, de treinamentos dos colaboradores, de prospecção de mercados, dentre outros, poderia melhorar a competitividade e os seus resultados econômicos.

Estas empresas têm condições normais e sem vantagens no acesso à matéria prima. Tendo em vista a pequena escala, a ausência de acordos com fornecedores e a inexistência de incentivos fiscais tendem a ter custos unitários mais altos. Algumas delas têm problemas de capital de giro e de acesso ao crédito o que tende a ter efeitos sobre os custos com a matéria prima e, portanto, sobre o preço dos seus produtos, diminuindo a sua competitividade no mercado, o que impede resultados econômicos mais significativos. Estas empresas têm alta capacidade ociosa, que aliada às dificuldades na inovação e na incorporação dos avanços tecnológicos, lhes permite a produção de uma linha de produtos com alguma qualidade, porém com baixa produtividade física e econômica dos fatores de produção.

Sobre a matéria prima os dados apontam que as empresas não têm dificuldades em relação ao seu acesso, pois os fornecedores, normalmente cumprem as condições e os prazos estabelecidos. As dificuldades que existem dizem respeito às próprias empresas, pois boa parte delas se encontra em dificuldades financeiras, principalmente em relação a disponibilidade de capital de giro próprio e de acesso a linhas de crédito pelo comprometimento ou então a inexistência de garantias reais.

Do ponto de vista da qualidade e da produtividade estas empresas podem ser classificadas em dois tipos. No primeiro tipo incluem-se as empresas que, do ponto de vista operacional se encontram numa situação equilibrada e/ou em expansão. Estas empresas apresentam um processo gerencial relativamente organizado. Mas mesmo assim tem problemas associados ao planejamento estratégico de longo prazo e com a definição clara de estratégias de inserção, competição e de crescimento no mercado.

O segundo grupo é formado por empresas em crise. Apresentam sérios problemas de gestão não desenvolvendo qualquer atividade associada ao planejamento estratégico que lhes permita uma melhor inserção no mercado. Apresentam uma produção diversificada como forma de se manter no



mercado. Nestas empresas a dinâmica em relação à produção e preços é determinada pelo mercado, que por sua vez, também determina os seus resultados. Como consequência têm problemas com a qualidade dos produtos e com baixos índices de produtividade dos seus processos, fatores e produtos.

Sobre estas empresas ainda cabem considerações que dizem respeito ao capital produtivo, principalmente os relacionados ao padrão tecnológico disponível nas empresas. Este problema limita a produtividade e o rendimento dos fatores de produção empregados nas atividades operacionais. Além disto, há ainda que se considerar as suas combinações de atividades, as suas escalas de produção, e as estratégias empresarias de inserção e de atuação no mercado.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS: A DINÂMICA DA INDÚSTRIA DE IJUÍ: ESTRATÉGIAS E AÇÕES**

As estratégias de ação iniciam por um processo qualificação dos aspectos relacionados à forma e aos instrumentos de gestão das empresas. Estão incluídos nesta preocupação aspectos de gestão técnica dos processos produtivos internos das empresas e dos instrumentos de controle dos aspectos financeiros e econômicos, tais como fluxo de caixa, custos e estratégias de formação dos seus preços de vendas.

Parte significativa das empresas demonstram ausência de instrumentos associados ao processo de planejamento estratégico, de médio e longo prazo, relativa à capacidade instalada e a sua respectiva utilização. Neste sentido, há de se considerar a existência de ociosidade estrutural e sazonal.

A ociosidade estrutural decorre, em boa parte da desorganização administrativa das próprias empresas bem como da descontinuidade operacional das linhas de financiamentos, seja para a produção dos produtos no âmbito das empresas (funcionamento) ou então para os consumidores finais (investimento). A ociosidade sazonal que em princípio pode ser provocada pelos períodos de entressafra decorre, muito mais, como consequência da competitividade empresarial e das estratégias de ampliação e de inserção no mercado consumidor, tendo em vista a grande variedade de demanda por produtos nos diferentes setores econômicos do mercado.

Do ponto de vista da competitividade empresarial a ociosidade, tanto estrutural com a sazonal, reduz significativamente a possibilidade de ganhos e/ou rendimentos de escala. Assim, uma linha estratégica de ação consiste em fomentar ações que tenham por objetivo ampliar o mercado consumidor bem como ampliar a inserção das empresas neste mercado consumidor.

Do ponto de vista operacional é importante observar aspectos relacionados com os insumos, matérias primas e bens intermediários. Neste caso é necessário observar a sua disponibilidade, seus preços, a qualidade, os prazos de entrega, pois se constituem em componente estratégico da produção.

Verifica-se grandes disparidades entre as empresas, principalmente em relação a forma de acesso, aos custos e a existência de incentivos públicos.

Ainda do ponto de vista operacional há de se considerar as questões associadas aos processos e as iniciativas em termos da inovação e da tecnologia. Boa parte das empresas tem poucos e limitados recursos para investir em inovação e tecnologia exigindo assim criatividade na alocação destes recursos escassos. Neste caso a inovação é elemento fundamental para a produtividade a qualidade dos produtos produzidos pelas empresas e, limita a sua competitividade. Como linha de ação propõe-se fomentar o empreendedorismo e a inovação em termos de estrutura produtiva, processos e produtos como forma de melhorar a qualidade, a produtividade e a competitividade da indústria local.

Potencializar a capacidade instalada e entender a dinâmica da sua utilização e seus efeitos sobre a produtividade e qualidade requer a utilização de recursos humanos treinados e qualificados. Os dados do diagnóstico apontam para sérios limites em relação a estes recursos. Observa-se a falta sistemática de mão de obra qualificada para dar conta das demandas das empresas. De outra parte, e não em raros casos, os agentes do mercado e responsáveis pela operação diária dos produtos produzidos no âmbito dos segmentos industriais, também demonstram certa dificuldade no manuseio da tecnologia incorporada aos produtos. Considera-se ainda, como já apontado, que um número significativo de empresas tem dificuldades em relação aos aspectos administrativos.

Como linha de ação propõe-se fomentar a formação e o treinamento de recursos humanos com enfoque nos aspectos teóricos, técnicos, humanísticos e da sustentabilidade. Esta formação pode acontecer em três diferentes dimensões: a) Formação dos agentes das empresas: fomentar a formação de dirigentes com conhecimentos, técnicas e instrumentos de gestão empresarial; b) Treinamento dos agentes das empresas: fomentar o treinamento dos colaboradores nos diferentes processos como forma de melhorar a qualidade e a produtividade dos processos, produtos e serviços no âmbito dos consumidores; c) Formação dos agentes do mercado (onde ocorre a comercialização da produção industrial) – fomentar a formação e o treinamento dos clientes em duas dimensões: 1) a socialização aos potenciais demandantes das novas técnicas e produtos disponíveis; 2) o treinamento dos “operadores da infraestrutura” para o uso eficiente, eficaz e racional dos processos e produtos produzidos pelos diferentes segmentos industriais do município

Deve-se considerar ainda as diferentes possibilidades de ganhos advindos da integração e da cooperação entre as empresas. A cooperação e a integração entre as empresas constituem-se no elemento principal para a melhoria dos resultados de muitos setores industriais. Os ganhos deste processo, que se inicia com o planejamento estratégico e a programação operacional e se consolida a partir de contratos (formais ou informais) de parceria e de fidelização, podem efetivamente

reposicionar segmentos industriais no mercado permitindo o surgimento de economias de escala e de escopo no âmbito das empresas.

A este respeito pode-se apontar como alternativa, a identificação de grupos de empresas (Tipos) com características comuns e que tenham interesse em desenvolver ações de integração e de cooperação. A tipologia de empresas pode ser definida a partir da Análise de Situações de Desenvolvimento (ASD) que servirá de referência para a definição das possíveis estratégias de integração e cooperação. Como linha de ação propõe-se fomentar a constituição de uma central de negócios/projetos com o objetivo articular a integração e a cooperação entre as empresas, com ações de prospecção, análises e encaminhamentos relativos a gestão administrativa, de matérias primas, de recursos financeiros, de financiamentos e de investimentos, de projetos e de novos mercados, dentre outros. Esta Central deve ser composta por uma equipe de profissionais interdisciplinar e que servirá de apoio e referência na definição de estratégias de expansão e de crescimento dos diferentes segmentos industriais.

Finalmente há de se considerar a presença do Setor Público local na dinâmica industrial de Ijuí. A presença deste agente social na dinamização dos segmentos industriais do município foi fundamental nas primeiras fases da evolução histórica principalmente por investir num insumo básico para a indústria: a geração de energia elétrica, ação que desenvolve até os dias atuais. Graças ao esforço de dotar o município com este insumo observou-se uma expansão significativa da atividade industrial na economia local. O Poder Público local também foi fundamental na articulação para a extensão do entroncamento ferro e rodoviário o que permitir a importação e a exportação de matérias primas, bens intermediários e de produtos finais, estabelecendo relações comerciais com outras regiões.

Mais recentemente a atuação mais incisiva do Setor Público Local foi a implantação dos Distritos Industriais. No entanto, para que os distritos industriais se consolidem e passem a gerar economias de aglomeração, necessita-se que sejam implantadas ações de desburocratização para o acesso de empresas aos distritos. Há a necessidade de o Poder Público Local assumir um papel de articulador e de encaminhamento das demandas dos empreendimentos industriais que se localizam nestes distritos. É preciso estabelecer laços de solidariedade, construir um capital social e potencializar a geração de emprego e renda através da aglomeração das empresas em Arranjos Produtivos Locais (APL) ou em Sistemas Produtivos Locais (SPL) configurando verdadeiros Distritos Industriais Marshallianos (DIM) proporcionando economias internas e externas.

Como linha de ação propõe-se que o Setor Público fomente e articule a organização da governança em cada um dos distritos industriais do município de Ijuí bem como, fomente e articule junto às organizações da classe industrial e instituições representativas da sociedade uma governança

geral para atuar de forma interdistrito. Em suma, propõe-se que o Setor Público assumira um papel estratégico de articulador das potencialidades e das demandas da indústria local com vistas ao desenvolvimento econômico e social.

### REFERÊNCIAS

BASSO, D. Que olhar lançar ao mundo? Pressupostos teórico-metodológicos para explicar situações de desenvolvimento. In: SIEDENBERG, D. R.; KELM, M. L. (Org). *O desenvolvimento sob diferentes olhares*. Saarbrücken, Deutschland, Novas Edições Acadêmicas, 2014. P. 13 – 34

BASSO, D.; MUENCHEN, J. V. Contribuição de diferentes tipos de empresas industriais para o desenvolvimento local: o caso do município de Ijuí/RS. *Desenvolvimento em Questão*, Ijuí: Ed. Unijuí, v. 4, n. 7, p. 95-125, 2006.

BASSO, D.; SILVA NETO, B.; STOFFEL, J. Concentração e especialização em setores industriais na Região Noroeste Colonial do Rio Grande do Sul. *Indicadores Econômicos FEE*, Porto Alegre, v. 33, n. 3, p. 163-174, 2005.

BASSO, David et al. Estudo da dinâmica e perspectivas da indústria de Ijuí/RS. Ijuí: Ed. Unijuí, 2000. (Série Relatório de Pesquisa).

BRIDIER, M.; MICHAÏLOF, S. *Guide Pratique d'Analyse de Projets: evaluation et choix des projets d'investissements*. 4. ed. Paris: Econômica, 1987.

CASTRO, Antônio Barros de. 7 Ensaio sobre a Economia Brasileira. 3. ed. Ed. Forense Universitária, 1980. Volumes I e II.

DEEPASK. Evolução do Valor Adicionado Bruto. Disponível em: <http://www.deepask.com/goes?page=Confira-o-VAB-da-industria-no-PIB-do-seu-municipio>. Consultado em 10/09/2018.

MINISTÉRIO DE TRABALHO. Dados sobre a evolução do número de empresas e do emprego formal. MTE/RAIS e CAGED. Disponível em: <http://bi.mte.gov.br/scripts10/dardoweb.cgi>. Consultado em 10/09/2018

MUENCHEN, J. V. e CASTOLDI, A. A evolução do setor industrial do município de Ijuí-RS. *Desenvolvimento em Questão*. Editora UNIJUÍ, Ano 2. n° 4 – jul/dez 2004. p. 141 - 159

MUENCHEN, J. V., BASSO, D. Valor Bruto da Produção, Valor Agregado e Renda Gerada no APL Celeiro In: planejamento estratégico de arranjos produtivos locais: plano de desenvolvimento do APL

agroindústria familiar da região Celeiro 2014 - 2020.1 ed. Ijuí, RS: Editora UNIJUÍ, 2014, v.1, p. 149-190.

MUENCHEN, Jose Valdemir et al. Estudo da dinâmica e perspectivas da indústria de Ijuí/RS: setor de esquadrias e gráfico. Ijuí: Ed. Unijuí, 2001. (Série Relatório de Pesquisa).

PAIVA, Carlos Águedo. Termo de referência para a implantação de políticas de desenvolvimento econômico regional baseadas nas particularidades produtivas dos territórios. Sebrae pr 2022. Disponível em: <http://www.sdect.rs.gov.br/upload/arquivos/carga20170526/04092650-1417689275-termo-20de-20refer-c3-aancia-20sebrae.pdf>. Consulta em 08/11/2017.

SACHS, Ignacy. Espaço, tempo e estratégias de desenvolvimento. São Paulo. Ed. Vértice. 1986.

WEBER, Regina. Os inícios de industrialização em Ijuí. Ijuí: Livraria Unijuí Editora, 1987. (Coleção Centenário de Ijuí, 01).